

Fr. Francisco de Monte Alverne — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

O Brasil tem este facundo e austero prégador franciscano na conta de seu Lacordaire. Alli foi sempre applaudido e festejado como o primeiro orador sacro, depois do disserto e mavioso fr. Francisco de S. Carlos e do eloquente e arrebatado fr. Francisco de Sampaio, ambos confrades de Monte Alverne.

Todos são concordes em depôr que elle tinha todos os dons da arte de orar, individualidade propria, gesto e acção adequada a cada pensamento, voz cheia e harmoniosa, e que, em fim, no pulpito subjugava o auditorio como nenhum outro. É por isso, tal era o ascendente que exercia na mocidade brasileira do seu tempo, mórmente de 1827 até ao anno de 1836 em que cegou, que uma phalange dos mais esperançosos estudantes o acompanhava ás egrejas onde elle ia prégar, rodeando-o e festejando-o depois na sacristia, e d'alli o acompanhava até ao convento.

Todos estes mancebos, que tão luzido cortejo lhe faziam n'essa epocha, tem hoje meio seculo de edade, e são as illustrações contemporaneas do imperio fluminense. São d'esse numero o doutor Gonçalves de Magalhães, poeta e diplomata; o conselheiro Felix Martins, lente de medicina; o senador Borges Monteiro; o distincto medico José Bento da Rosa; o professor de pintura e litterato Porto Alegre, e outros muitos assaz conhecidos na republica das sciencias e das lettras, e tambem na governação do grande imperio.

Para os que não tivemos a ventura de ouvir o eloquente franciscano, não é facil confirmar tão vantajosa opinião da sua facundia, pela simples leitura dos sermões colligidos e publicados por elle mesmo, em quatro volumes, com o titulo de: *Obras oratorias do padre mestre fr. Francisco de Monte Alverne*. Rio de Janeiro, 1853.

Todavia, este conceito é tão geral entre os seus conterraneos, que fallando elle das glorias litterarias do Brasil, se exprime por estes termos, no prologo da citada collecção dos seus sermões:

«O paiz tem altamente declarado que eu fui uma d'estas glorias de que elle ainda hoje se ufana. Lançado na grande carreira da eloquencia em 1816, como prégador regio, oito annos depois que n'ella entraram S. Carlos e S. Paio, monsenhor Netto, e o conego Januario da Cunha Barbosa, tive de luctar com esses gigantes da oratoria, que tantos loiros tinham ganhado, e que forcejavam por levar de vencida todos os seus dignos rivaes.

«O paiz sabe quaes foram meus successos n'este combate desegual: elle apreciou meus esforços, e designou o logar a que eu tinha direito entre os meus contemporaneos. Pertence á posteridade sanccionar este juizo. Arrastado pela energia do meu caracter, desejando cingir todas as corôas, abandonei-me com egual ardor á eloquencia, á philosophia, e á theologia, cujas cadeiras professei, algumas vezes si-

multaneamente, nos principaes conventos da minha ordem, e no seminario de S. José d'esta corte. O resultado de tantas fadigas foi a extenuação do meu cerebro, e a perda irreparavel da minha vista!

«No fim de 1836 terminaram todos os meus exercicios litterarios; e eu achava-me impossibilitado para emprehender o mais insignificante trabalho. Não é dado a algum homem avaliar as agonias do meu coração n'esta horrivel peripecia da minha vida. Deus chegou aos meus labios a taça da tribulação; suas fezes talvez não estejam ainda esgotadas... A vontade do Senhor seja feita...»

Este trecho revela que o bom do frade não deixava a sua fama por mãos alheias, e que a exaltação dos applausos o tinham feito rasgar o véo da modestia, com que, ás vezes bem diaphanamente, se compõem os auctores para saír a publico.

Observando-lhe um insigne medico, seu discipulo, que achára muito orgulhoso o prologo dos seus sermões, Monte Alverne respondeu ingenuamente: «Eu não fiz mais que historiar o meu passado.»

Fr. Francisco de Monte Alverne nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1790. Aos dezeseis tomou o habito da ordem de S. Francisco, na qual exerceu o magisterio como lente de philosophia, e depois leitor de prima em theologia dogmatica. Foi tambem professor d'estas mesmas disciplinas e de rhetorica, no seminario episcopal do Rio. Nomeado prégador regio por el-rei D. João VI, que muito gostava de o ouvir, desempenhou, desde então, as funcções de examinador da mesa da consciencia.

Em 1836, um ataque de gota serena o privou da vista, caindo a principio em tão profunda melancolia, que só dezoito annos depois, a pedido do actual imperador, seu mui afeiçoado amigo, é que veiu prégar á capella do paço o sermão de S. Pedro de Alcantara. A nova geração que o ouviu (diz um escriptor do imperio) ficou suspensa de admiração, e foi tal o seu effeito que produziu, que se julgaram infelizes todos aquelles que não assistiram á pregação.

Os jornaes do dia consignaram este successo como a aurora do renascimento da prédica brasileira. Foi este o seu ultimo sermão.

Visitado por muitas vezes na sua cella, d'onde nunca saía, pelo imperador, e pelos homens mais notaveis do imperio, viveu ainda alguns annos entregue ao estudo dos seus livros, escrevendo por sua mão, a lapis, os sermões que lhe encommendavam, e que depois mandava ler para corrigir, até que falleceu tranquillamente no convento de S. Domingos, junto a Nitheroy, no dia 9 de dezembro de 1858.

O corpo foi conduzido n'uma galeota do arsenal da marinha ao cáes Pharoux, onde se achavam todas as pessoas que o deviam acompanhar ao jazigo, que eram as mais qualificadas da corte. O enterro foi-lhe mandado fazer pelo imperador com pompa egual á que se prescreve para os officiaes móres da casa imperial. O camarista de semana e o ajudante de campo do imperador vieram ao cáes Pharoux receber o corpo do velho franciscano, e acompanhal-o ao convento de Santo Antonio, onde se lhe deu jazigo na capella do claustro, junto áquella em que repousam os dois principaes imperiaes.

O provincial da ordem mandou embalsamar o cadaver do seu predecessor pelo processo de Ganal, e tirar-lhe o retrato para a serie dos provinciaes.

Como estava, havia muito, retirado do mundo, ninguem suppunha que ao funeral de um pobre frade concorresse tanta gente de todas as jerarchias. Foi, porém, dos mais solemnes. O conego Pinheiro, por parte do instituto historico, de que o fallecido era socio honorario, lhe recitou sobre a campa a oração funebre, e tambem o seu discipulo Porto Alegre, por parte dos que haviam sido alumnos de tal mestre, proferiu um saudoso discurso. Ambos estes discursos se imprimiram na *Revista do Instituto*; e juntamente um elogio feito pelo dr. Macedo; assim como um estudo sobre a oratoria de Monte Alverne, obra do dr. Magalhães, o auctor dos *Factos do Espirito Humano*, estudo que foi lido em sessão publica do instituto em 1859.

Da austeridade do seu caracter, ou antes, do seu genio fogoso, se contam muitos casos. Um dos mais fallados foi, que tendo o imperador D. Pedro I promettido o bispado de S. Paulo ao eloquente padre mestre Francisco de S. Paio, indo elle proprio ao convento dizel-o ao frade, nomeou depois outro bispo por empenho da marqueza de Santos, que podia tudo n'aquelle tempo. Indo depois o imperador ao convento, no dia de S. Francisco, como era costume, Sampaio saiu da sua cella a receber o monarcha, sem dar mostras de resentimento. Monte Alverne, vendo isto, chegou-se ao padre e disse-lhe em voz alta: «Onde vaes? Lembra-te que és Sampaio, o grande Sampaio, e não desças do capitolio ás gemonias dos criminosos. Volta, Sampaio, volta para a companhia dos teus livros, que foram os que te ajudaram a ser grande.» E ambos voltaram para a cella sem fallar ao imperador.

Estando já cego, tentou reformar o convento; e para esse fim mandou vir de S. Paulo um fr. Santo Aleixo, padre de virtude, intelligencia e acção. Na vespera das novas eleições, os frades pregaram na porta da cella de Monte Alverne, uma lista, em que todas as dignidades do convento eram dadas a leigos, vindo entre elles o nome do reverendo cego. No dia da eleição, compareceu no capitulo o padre mestre Monte Alverne. Antes de começar o acto, tira elle da manga a lista-pasquim, e manda-a ler em voz alta. Depois, dando um murro na mesa, exclamou: «Isto e verdade, uma grande verdade. Estou e vivo entre leigos. Ah! meu Deus, querem acabar com o ultimo frade!» E retirou-se para nunca mais voltar a capitulo.

Apesar d'estes impetos, que tão mal betavam com a humildade do habito que vestia, no trato intimo era mui lhano, jovial, bom amigo, e de instructiva conversação.

As particularidades da vida d'este famoso prégador brasileiro, foram-nos referidas pelo seu discipulo e intimo amigo, o sr. Porto Alegre.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 194)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XII

ABOLETAMENTO CORTEZÃO

Francisco Antonio Herman era o braço direito de Junot. Acompanhára este funccionario o exercito com o encargo, previdentemente decretado pelo proprio Napoleão, de coadjuvar o general em tudo o que dissesse respeito á organisação e administração civil do reino.

Assim se manifestava a alta benevolencia e incomparavel sollicitude, com que a politica franceza, invadindo o paiz sob o pretexto amigavel de alliança e protecção, anticipadamente se propozera regel-o por sua conta, e exploral-o em seu proveito!

Tinha Herman os titulos de presidente do real erario, ministro das finanças e do interior; e com elles exercia tão elevadas funcções, que bem se justificava o alvoroço, quasi sobresalto, produzido na pequena roda do desembargador pelo annuncio da sua inesperada visita.

O dono da casa ergueu-se; o escrivão do senado enfiou; D. Maria consultou attonita D. Jeronimo, o seu oraculo; a mesma Ignezinha, pouco antes abatida, fitou na porta uns olhos, que a vivacidade curiosa subitamente resuscitára.

Porque? Vão lá sabel-o! Instinctos. Presentimentos. Tinha o magistrado relações officiaes com o chefe administrativo da nova governança, como era inevitavel; encontrára-o tambem algumas vezes nas reuniões que ambos frequentavam; mas pela primeira vez o procurava aquelle em sua casa.

Era uma honra ou um perigo? Corriam taes os tempos, que de mais auctorisavam a duvida.

Provou o desembargador, n'um dissimulado suspiro, a sua occulta acquiescencia a este modo de pensar.

D'ahi a pouco entrou Herman. Era um homem de estatura meã, habil e astuto, de ordinario affavel, terrivel na cólera, insinuante quando queria; um d'aquelles filhos da revolução, que a propria audacia fizera aptos para tudo.

Herman foi direito a D. Maria e beijou-lhe a mão com afidalgada galanteria, affectadamente resuscitada do ultimo *talon rouge*.

— Admira-a de certo a minha visita... um pouco intempestiva pelo que vejo — disse o ministro, sentando-se ao pé da dona da casa, e correndo com os olhos os poucos circunstantes.

D. Maria acudiu com a sua costumada presença de espirito e pratica do mundo:

— Intempestiva, porque? Estamos poucos para ter a honra de receber a v. ex.ª? Tanto melhor. Mais será o prazer de cada um.

— Amabilissima, na verdade. Mandarei dizer para França que as agudezas parisienses estão refugiadas em Lisboa.

— E certamente... Vieram na bagagem do exercito.

— Cada vez a melhor. Rendo as armas já, minha senhora... Em luctas d'estas não podéra eu sustentar o campo com tão discreta... digo com tão invencivel antagonista... Sr. D. Jeronimo, dizem lá no quartel-general que tem v. s.ª todo o ar de um dos nossos marquezes...

— Favores!

— Do tempo em que ainda havia marquezes... Não maravilha... Em tal eschola!...

— E disse que cedia o campo!...

— Cedo... á necessidade. Esta visita, desculpem-me v. s.as, não é a bem dizer uma visita. Venho tratar um negocio, e quasi não tenho tempo de tomar o sabor a tão aprazivel conversação.

O desembargador, como todos os homens de dois rostos, andava sempre inquieto, e inquietou-se ainda mais com este preambulo. O escrivão do senado reforçou a pallidez com uma tintura esverdeada.

Era o costume do meio vate na presença dos seus superiores. Lá tinha as suas razões!

— Um negocio! — ponderou D. Maria.

— Uma sollicitação, direi melhor — tornou Herman, cujos modos obsequiosos muita vez disfarçavam intimações imperiosas.

— Uma sollicitação de v. ex.ª é para nós uma ordem — acudiu o magistrado.

— A sollicitação... o desejo... é do general — proseguiu o ministro.

— Ah!

— Um official de quem faz muito caso foi gravemente ferido em Mafra...

— Por um rustico?

— Um energúmeno, fanatisado não se sabe por quem... Havemos de pôr tudo a limpo e enfrear de uma vez estes arrojos... O criminoso está já castigado, e quaesquer outros que se atrevam...

— Ouvimos o caso. Gente rude. Nem sabe o que faz.

— Ensina-se. O official, como dizia, pertence a uma familia illustre. A politica do imperador, nosso augusto amo, é attrahir a si os representantes da nobreza velha. Quer sua magestade unir todas as forças intelligentes e todos os nomes respeitados... Accusam-nos de destruir, e nós estamos edificando.. Quem edifica nenhum material despreza.

— Para edificar bem.

— Para edificar com segurança.

— É precaução prudente.

— Importa congregar todos os elementos. Cada qual póde ser util por seu modo.

— Innegavelmente.

— Do passado tomâmos tudo o que nos póde auxiliar. São adversarios que ficam de menos, e agentes que se multiplicam. Fundâmos uma ordem nova: para que seja duradoura convem fazer entrar n'ella as coisas que podem alliar á influencia das tradições a actividade juvenil...

— As coisas e os homens.

— E os homens, justamente. O official ferido é um d'estes homens, comprehenderam-me v. s.as como logo esperei. Sua magestade recommendou-o em pessoa ao general governador. Seria de certo um grande desgosto para este, que um moço tão bem visto na corte imperial... Seu pae foi emigrado, mas voltando a França logo que providentes disposições lhe abriram as portas da patria, seguiu francamente o novo regimen... Seria para o general, dizia eu, um dissabor profundo que tal moço, em tal situação, acabasse obscuramente n'um assalto de estrada.

— Está ainda em perigo?

— Não: está livre de perigo. Mas, para evitar até a possibilidade de outra occurrencia similhante, quer tel-o ao pé de si, e deseja que venha para Lisboa convalescer.

— Em que podêmos concorrer para a satisfação do desejo de s. ex.ª?

— Em tudo. Chegâmos ao ponto essencial. O ferido carece ainda de grandes desvelos e muita tranquillidade. No quartel general é continuo o bulicio...

— Seria mal escolhido, de certo — observou rindo D. Jeronimo.

— Ahi verá — continuou Herman. — Pensou pois o general governador que uma casa recatada, pacifica, dirigida por uma dama discreta e amavel, onde o nosso doente podesse achar semblantes amigos, e carinhos de familia...

— Lhe convinha mais que nenhum outro alojamento — concluiu D. Maria com modo prazenteiro e de bom agouro, em quanto o desembargador e o seu antigo condiscipulo com este desfecho imprevisto respiravam das suas preoccupações.

— Isso é — redarguiu o ministro. — V. s.as que dizem?

— Que nos honra a preferencia — atalhou D. Maria.

— E que procuraremos corresponder á confiança — accrescentou o magistrado.

— Estimo achar tão favoraveis disposições. Tinham-me dito que os magistrados portuguezes... alguns pelo menos... não sei quaes... estavam na posse de certos privilegios, que os eximiam de aboletamentos e outros encargos...

— Existem com effeito esses privilegios...

— Quer dizer: existiram.

— Existiam; mas não para mim... e menos n'este caso — observou a tempo o desembargador — O protegido de sua magestade o imperador, o recommendado de s. ex.ª o general, não é n'esta casa um aboletado; é um hospede, é um amigo. Como tal o considerâmos... e o trataremos.

— Sou grato a tão extremada cortezia, e não deixarei de contar no quartel-general como foi acolhida a minha embaixada.

— Bastava o embaixador.

— O modo duplica o obsequio.

— Estou já morta por mostrar ao estimavel enfermo — proseguiu D. Maria no primeiro alvoroço — que em Portugal nem todos acolhem as pessoas da sua condição... como o rustico de Mafra.

— D'isso ficará elle brevemente certo.

— Quando o poderemos ver?

— Já, se v. s.as permittem.

— Já?

— Espera na minha carruagem o resultado da negociação.

— E tem-n'o feito esperar tanto!

— É uma barbaridade, não?

— É. Só lh'a perdôo em m'o apresentando.

— Então será immediatamente — disse Herman levantando-se. — A esta barbaridade chamo eu egoismo.

— Não o absolve a amabilidade.

— Ha de absolver-me o interessado... vendo tão justificada a demora.

— Vou mandal-o prevenir.

— Desejo prevenil-o e apresental-o eu mesmo.

O ministro saíu. D. Maria estava imprudentemente radiosa. A escolha expressa da sua casa para residencia e conforto de um official recommendado pelo imperador, presagiava-lhe risonhas esperanças, e era um attestado da sua superioridade no proprio conceito dos estrangeiros... e senhores.

O marido, menos temerario nos designios, meditava n'este intervallo. Via as coisas por outro aspecto, e estava resolvendo no seu espirito ir fazer uma visita ao ex-secretario d'estado Salter de Mendonça, homem pouco affeiçoado aos invasores, na qual visita contava habilmente introduzir uma philippica vehemente contra os tyrannos francezes, que lhe devassavam a casa, sem respeito aos foros da magistratura.

O digno funccionario sabia converter em sacrificios patrioticos as proprias finezas aos inimigos, e fazer acceitar por actos meritorios todas as complacencias.

Parece que este systema em todos os tempos auspiciou os homens d'aquella tempera. Hoje em dia os progressos da civilisação vão-n'os tornando predilectos da fortuna.

O escrivão do senado, cada vez mais expansivo, communicava a D. Jeronimo a sua admiração pelo ministro, em quanto este ia buscar o official á carruagem, que tão sem ceremonia chamára sua, posto ter sido poucos dias antes da casa real.

No meio d'estes diversos cuidados ninguem se lembrava já da morgadinha.

Fôra toda em francez a conversação. Ignez, portanto, não percebêra uma palavra, deplorando cada vez mais a sua ignorancia.

Observando a saída de Herman, pensára ella que este se retirava definitivamente. Qual não seria pois a sua admiração vendo-o tornar, logo depois, acompanhado de um esbelto mancebo.na flor da edade, de porte marcial, de brilhante uniforme, e, para remate de seducção, ferido como um paladino, e descórado como os predestinados do fatalismo poetico!

— Aos bons officios de v. s.as — disse Herman a D. Maria e ao desembargador, apresentando o moço official — á sua sollicitude e amizade confio o sr. visconde Léon de Beaucigny, um valente official, um amigo de nós todos: não podia ficar em melhores mãos.

— Fica ao menos onde ha cordial vontade.

— Agora vou descançado. A convalescença ha de ser rapida.

— Não me louve v. ex.a antes de tempo.

— Porque?

— Porque receio começar logo por commetter uma infracção grave nos meus desvelos de dona de casa.

— Como assim!

— Tenho um convite para ámanhã...

— A bordo da nau? Em que póde o convite prejudicar a hospitalidade?

— Não váe o sr. visconde?

— De modo nenhum. Prohibição formal. O visconde por ora é propriedade da cirurgia.

— Já vê. Terei de o deixar só...

— O visconde não é uma donzella.

— Ou de recusar uma honra, a que na verdade, confesso, dava o maior apreço.

— Isso em nenhum caso. Que diria o capitão Magendie, se o privasse de um dos mais bellos ornamentos da sua festa? Não m'o perdoava.

O visconde não dissera ainda palavra. Estava fraco ainda, e visivelmente o abalo da carruagem incommodára-o em extremo.

Não era elle todavia homem que deixasse de aproveitar a opportunidade que lhe offerecia a conversação para tomar n'ella a parte directa, que a sua situação n'aquella casa estava indispensavelmente pedindo, sob pena de parecer idiota ou grosseiro, defeitos de que estava bem longe.

— Peço desculpa, minha sr.a — disse — preciso sobre tudo descanço. Se presumisse que era causa aqui do menor transtorno, supplicaria immediatamente ao general que me destinasse outro quartel... fosse onde fosse... posto que deseje conservar a vida para os dias de batalha, e de certo em nenhuma parte a restaurasse melhor. Occuparei n'esta casa o menor logar possivel, e não sendo assim...

— Será — acudiu promptamente D. Maria, vendo o esforço com que o mancebo fallava, e a bem dizer se sustinha.

Estava ella encantada com estas excellentes maneiras, em boa verdade não muito vulgares no geral dos officiaes que se tinham aboletado ou hospedado nas melhores casas, e, satisfeita do encargo, continuou, requintando a amabilidade:

— Será como deseja o sr. visconde, e para lhe provar que em nada nos constrange, tomarei a liberdade de lhe dizer... que o seu quarto está prompto.

— Já? — ponderou Herman.

— Estamos sempre prevenidos — tornou D. Maria, com o legitimo orgulho de dona de casa providente.

— É exercer a hospitalidade ao modo antigo. Será com effeito prudente, visconde, — continuou o ministro para o official. — Eu não posso tambem demorar-me: esperam-me a esta hora no largo do Quintella.

Herman retirou-se quasi immediatamente. O visconde apressou os agradecimentos e recolheu-se como tanto precisava.

A morgadinha, calada no seu canto e esquecida de todos, seguiu-o avidamente com olhos como attrahida de uma força incontrastavel.

Era aquella, em fim, a manifestação visivel do seu typo imaginario. Tinha este todos os predicados dos heroes aventurosos, bizarria natural, formosura, a elegancia e a audacia viril, que a passageira prostração mais realçava do que encobria... e com tudo isto, o interesse que inspira a piedade.

O festejo perdido do dia seguinte, as revindictas da prima, os seus desejos e mortificações, até as memorias do solar, tudo desappareceu no mesmo instante aos olhos da pobre Ignez, enleiada e absorta!

MENDES LEAL JUNIOR

O CALDEIREIRO

São quasi tão varios como as linguas os usos e costumes das nações. E d'aqui vem o simile do nosso proverbio « cada terra com seu uso, e cada roca com seu fuso. »

Se não fôra isto, o mundo vivo sería tão desmatizado como a charneca, e tão monótono como a cigarra.

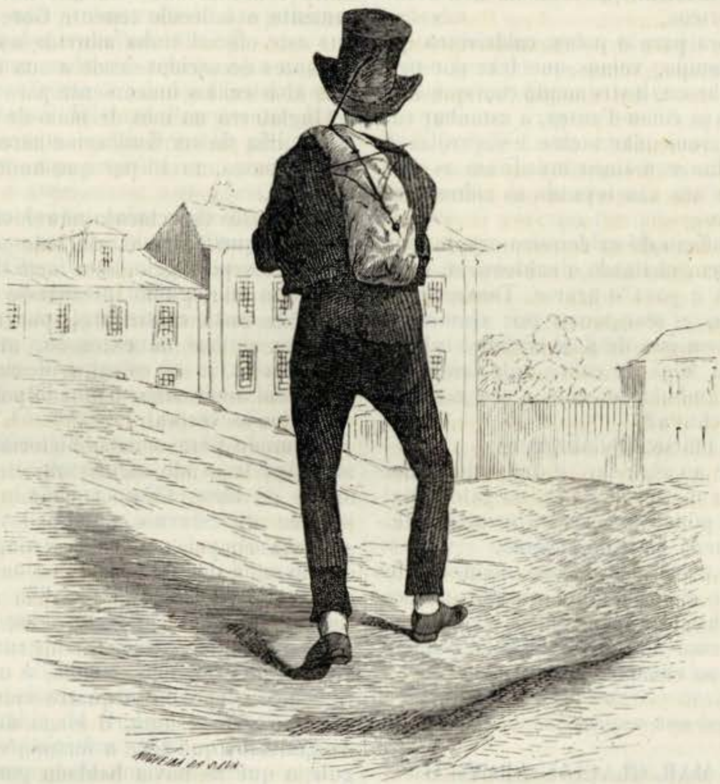
Os pintores de costumes, tanto os de pincel como os de penna, tem assaz explorado a mina dos typos populares. Os nossos, acaso por ficarem a um canto do mundo, são os menos conhecidos. Pois não temos poucos bem exoticos!

Um d'elles, e antiquissimo, é o caldeireiro ambulante, que, sem deitar pregão, se annuncia aos freguezes por um repique de martello n'um varão de ferro que traz ao hombro. Este som toma o povo como annuncio de mau tempo, pois crê que a apparição de um caldeireiro é signal de chuva. Logo veremos em que se póde fundar este prognostico de lunario perpetuo.

De todos os officios, só tres, que nós saibamos, se costumaram entre nós exercer por casas particulares. O rachador, o amolador, o caldeireiro.

Fallemos de cada um d'elles.

O rachador divagava pelas ruas com o machado e o maço ás costas, levando nas mãos as cunhas de ferro, com as quaes batia em som de castanholas, para dar signal, de que ia passando, aos què necessitavam do seu officio. Este já não é dos nossos tem-



O caldeireiro (typo nacional) — Desenho original de Nogueira da Silva

pos, porque generalisando-se o uso do carvão, e ao mesmo tempo vendendo as tendas a lenha em achas, escusou-se o rachador, que se recolheu ás estancias e carvoarias. Ainda n'uma estatistica dos officios e misteres que havia na cidade de Lisboa em 1552, inédita, se mencionam 25 *fendedores de lenha*, que andavam pelas ruas.

Hoje vão já desapparecendo as achas que as tendas costumavam ter á porta, muito á mão de semear... bordoada, porque não poucas sovas se davam d'antes com ellas, e tão affeiçoadas pareciam para este effeito, que se tornou proloquial dizer para despique « isto só com uma acha de lenha! » Vieram as *bolas* de cisco expulsar as achas das fornalhas, e o *coke* do carvão de pedra váe-as substituindo já rapidamente. Tudo passa e se muda n'este mundo vario.

O amolador, com o seu rebolo ás costas, gira, não calado como o caldeireiro, mas lançando o pregão de « amola facas e tesoiras. » Este officio ambulante é o que parece ter ainda largo futuro, porque o uso de *cortar* não acabará nunca.

O caldeireiro, talvez o mais antigo de todos tres, ainda subsiste, mas não já como era d'antes.

O homem não vive sem comer; o comer faz-se ao lume (entre gente não selvagem), e ao lume põe-se a panella, que outr'ora se chamava caldeira.

Os ricos-homens, isto é, os fidalgos poderosos das Hespanhas, e os dos primeiros seculos da nossa monarchia, traziam por insignia nas suas bandeiras uma caldeira, para denotar que davam sustento aos vassallos com quem eram obrigados a servir o rei, nas guerras continuas d'aquelle tempo. Eram por isto chamados senhores de *pendão e caldeira*, porque assim como pela bandeira ou pendão tinham poder de alistar os seus vassallos, pela caldeira lhes davam a segurança de que os haviam de alimentar. E era isto uma especie de contrato bilateral feito entre o rei que dava as terras, e os ricos-homens que lhe punham para alli os soldados para elle conquistar mais, e não deixar parente pobre a nenhum dos seus cabos de guerra. Cifrava-se n'este pacto a lei do recrutamento n'aquelles tempos. E não cuidem que se fazia sem formalidade, que era a seguinte:

Sentavam-se, em publico e raso, de um lado o rei, na Hespanha, e do outro o machucho que ia ser feito rico-homem. Mas não era para ser rico sem trabalhar, como os fidalgotes de hoje. Traziam os vassallos uma caldeira cheia de vinho, com tres sopas dentro. Mettia o rei a mão na caldeira, tirava uma sopa, e dizia: Tomae, conde. Váe o conde comia a sopa. Depois mettia tambem este a mão na caldeira, tirava outra sopa e dizia: Tomae, rei. O rei tambem sopeteava. Não conta a historia se lhe bebiam o vinho em cima, para não ficarem embuchados, mas cremos que sim. A terceira sopa guardava-se para reliquia.

Aqui está a origem dos senhores de pendão e caldeira, muitos dos quaes eram tambem senhores de baraço e cutello, nada menos! Advertimos que ha tambem outras origens mais certas, porém esta quadra-nos agora para mostrar que tambem houve caldeireiros fidalgos e ricos.

Voltando-nos agora para o pobre caldeireiro que desenha a nossa estampa, vemos que traz por pendão, ás costas, uma broca, instrumento com que anda a furar a vida. Não já como d'antes, a estanhar caldeiras e caçoilas, a remendar tachos e caçarolas de cobre, porque a folha e o zinco invadiram as cozinhas, que até estes nos vão levando os cobres pela barra fóra!

D'antes é que o officio de caldeireiro era de truz. Tinha arruamento seu, chamado a caldeiraria, e havia-os para o cobre e para o arame. Tambem este váe desapparecendo, e se estámos por arames, os caldeireiros não dizem isso de nós, d'elles sim!

Mas se não ha já loiça de cobre, que fazem por ahi os caldeireiros ambulantes com o seu martellinho a prognosticar chuva?

Tem agora outro officio. Deitam gatos.

Desde o pires até ao alguidar, a broca do caldeireiro abre furo para metter as unhas do gato metallico, e fazer de uns poucos de cacos uma peça inteira, e á prova da queda mais desastrada.

Hoje, sem metter prego nem estopa, como d'antes fazia para trabalhar em cobre ou arame, o caldeireiro ambulante subsiste, ainda que parcamente, e dentro em pouco, com a transformação do officio, mudará de nome e se chamará gateiro.

VIAGENS AO MAR GLACIAL ARCTICO

(Vid. pag. 232)

III

«De mantimentos encontrámos sómente 18 kilogrammas de chocolate, porém este alimento não basta para nutrição do homem no clima polar; nem sequer uma fibra de carne, ou uma migalha de biscoito achámos. Tambem nenhum indicio de que no barco houvesse provisão de combustivel, mas em caso de absoluta necessidade, a guarnição podia queimar alguns remos, ou o tronco do abeto que, segundo dissemos, estava a cem passos d'alli.

Na pôpa descobrimos 25 talheres de prata, oito dos quaes tinham o escudo de Sir John Franklin. Os outros, segundo se reconhecia pelas firmas, pertenciam cinco aos officiaes do *Erebo* e tres aos do *Terror*. Sem duvida que no momento da partida, com o fim de conservar a prata do estado maior, a tinham distribuido entre a guarnição para seu uso pessoal. Fazemos esta conjectura por não termos encontrado nenhum dos talheres de ferro de que ordinariamente se servem os nossos marinheiros.

Como se explica porém que n'uma embarcação capaz de conter vinte a trinta homens hajam ficado só dois? Nenhum esqueleto mais appareceu nas proximidades. Nenhuma cova em que os sepultassem; e tambem se deve considerar, que sendo os navios abandonados no mez de abril, a tarefa de abrir covas na terra, toda gelada n'aquella estação, fôra quasi impossivel ás forças extenuadas dos infelizes naufragos.

Como se explicará, sobre tudo, a circunstancia de estar a prôa do barco voltada para o nordeste, como se seguisse a direcção retrograda, isto é, a mesma que nós levavamos então? Desde o ponto em que estava o trenó até aos navios apenas havia a distancia de 65 milhas, ao passo que até á ilha de Montreal, havia 150.

Outra addição marginal denotava que o documento depositado na pyramide que marca o limite de Ross (cabo Victoria), fôra conduzido a outro ponto distante 7 milhas ao N, onde o havia deixado primeiramente o fallecido tenente Gore. Do que se deduz que este official tinha morrido no intervallo dos onze mezes decorridos desde a sua exploração. Os navios abastecidos unicamente para tres annos, saíram de Inglaterra no mez de maio de 1845, e a costa N. O. da ilha do rei Guilherme carece inteiramente de caça e pesca, razão por que nunca a visitam os esquimaes.

Que triste spectaculo não devêra ser o da tripulação d'aquelle navio, durante o terceiro inverno, encerrados pelo gêlo, sem meio de salvação, depois de terem conseguido internar-se até 30 legoas distante da costa continental, por montes de gêlo de algumas milhas de extensão, unico obstaculo que separava então os estreitos descobertos por Parry, do litoral americano, banhado por um mar navegavel todos os verões!»

Seguindo para o cabo Victoria, onde Hobson annunciára ter visto alguns objectos junto ao monumento de Ross, Clintock examinou todos os despojos que alli estavam amontoados, mas nem nas algibeiras nem pelas marcas das roupas pôde achar indicio de seus donos. Apenas os cantis tinham os numeros dos soldados da marinha a que pertenciam. Com o fato estavam misturados muitos objectos de usos differentes, desde os instrumentos de physica até aos utensilios de cozinha, e uma caixa de medicamentos com vinte e quatro vidros intactos.

Tal é, em resumo, o longo diario da navegação de Clintock, que teve a fortuna e a gloria de conseguir o que se havia baldado por tantas vezes, em tantas expedições, e com tanto dispendio do erario inglez e do bolso de muitos particulares.

Concluida assim a sua arriscada commissão, Clintock preparou o seu navio, para regressar a Inglaterra, e a 20 de setembro de 1859, dois annos justos depois da sua partida para o norte da America, estava em Portsmouth, dirigindo-se logo para Londres com as reliquias que elle colligiu da infausta expedição de Franklin, as quaes obtiveram um honroso logar no museu da marinha, e toda a sua tripulação a medalha arctica, expressamente cunhada pelo governo britannico para condecorar os maritimos que se aventuram a tal navegação.

Além de ter alcançado este desiderando, diz-se que o capitão Clintock fez um grande achado geographico. Antes d'esta sua viagem era problematica a existencia do estreito que ha entre a ilha do principe de Galles e a da Victoria; mas agora julga-se fóra de dúvida, depois do reconhecimento de toda a costa meridional da primeira d'estas ilhas, desde a entrada de Peel até á bahia Ommeney, feita pelo segundo commandante do *Fox*, o tenente Allen Young, que deu a este canal o nome de Clintock.

Á cêrca da existencia da passagem navegavel, ha tanto tempo buscada, ao norte do continente ame-

ricano, exprime-se o capitão Clintock n'estes positivos termos:

« Virá tempo em que algum navegante ousado, aproveitando-se das noticias que nos deixou Franklin, primeiramente, e depois d'elle Rae, Collinson, e agora Clintock, possa fazer passar o seu navio do mar de Baffin ao estreito de Behring.

« Como quer que seja, a verdadeira passagem do N. O. da America é já conhecida, e a Franklin pertence a gloria de tão importante descobrimento. »

Temos razões, ou antes factos, para duvidar de tantos descobrimentos.

Em quanto nos lembrar que Hudson, em 1710, se deu por descobridor do estreito a que poz o seu nome, quando o portuguez João Freire, em 1456, nota na sua carta, ainda inédita, as explorações por elle feitas nas costas orientaes da America do norte até 72° de latitude boreal, isto é, nos altos parellos da bahia de Baffin, não juràmos nunca nas palavras d'estes usurpadores dos trabalhos alheios.

Agora que sabemos onde succumbiu este ousado navegante, digamos alguma coisa dos seus dois collegas, os almirantes sir Edward Parry e sir John Ross, que não só acompanharam Franklin n'algumas das suas expedições, mas contribuiram muito para que se descobrisse e averiguasse o seu destino.

Parry, mui perito nas sciencias mathematicas, tinha já corrigido algumas cartas maritimas, quando partiu para o mar Glacial, a fim de proteger o snavios balieiros, penetrando em 1811 até 76 gráos de latitude norte. Desde esta primeira viagem as terras arcticas, estabeleceu elle as regras para determinar a altura do polo pela observação das estrellas fixas.

De volta a Inglaterra, foi encarregado de acompanhar, a bordo do *Alexander*, o capitão João Ross (1818). Desde então dedicou-se exclusivamente á sciencia, effectuou, no espaço de dez annos, quatro expedições aos mares polares, cujos resultados foram importantissimos. Em 1819 chegou até 110 gráos de longitude O., tentativa audaciosa, que foi recompensada com o premio de mil libras pelo governo. A segunda viagem (1821-1823), a mais fertil em descobrimentos, e para a qual lhe foi necessario muita energia e arte para conservar á tripulação a saude e o animo, foi effectuada com os navios *Hecla* e *Fury*; teve em resultado a determinação da ilhota Melville, entre a bahia de Hudson e o estreito do Principe Regente. A terceira (1825) apenas durou um anno, sendo empregado em percorrer o espaço septentrional entre o cabo do Gelo e Mackenzie. Durante a expedição que fez por terra, que foi a ultima (1826), penetrou muito além dos lagos arcticos, até 84 gráos de latitude norte.

Por estes serviços, foi Eduardo Parry nomeado cavalleiro vitalicio em 1829, conferindo-lhe depois o almirantado o logar de engenheiro hydrographo, e ultimamente, o de director do serviço dos barcos de vapor. De 1829 a 1832 foi delegado, pela companhia agricola da Australia, a Port-Stephens, para ahi dirigir os trabalhos de irrigação e cultura. Elevado em 1852 ao posto de vice-almirante, foi no anno seguinte nomeado sub-director do hospital de marinha em Greenwich.

Ha, d'este viajante, o relatorio de todos os seus descobrimentos, que tem por titulo: *Quatro expedições ao polo norte*. Londres 1853, 5 vol. in-8.

Eduardo Parry falleceu na Allemanha, em 1855.

Ross associou-se á expedição de Parry em 1818, com o fim de irem ambos explorar a bahia de Baffin, e descobrir uma passagem navegavel atravez dos mares polares. Os resultados d'esta viagem foram consignados por elle, n'um extenso relatorio que imprimiu em Londres no anno de 1819.

Recusando o governo fazer a despeza de nova tentativa nos termos propostos por este official, elle e seu amigo Booth equiparam á sua custa o vapor *Victoria*, que largando do Tamisa em maio de 1829, só regressou a Londres em outubro de 1833. Quatro invernos consecutivos passou Ross no meio dos gelos, padecendo tormentos e perigos horrorosos. N'esta segunda viagem descobriu elle que o chamado estreito do Principe Regente era fechado; e que o pontal nordeste da America termina em uma peninsula annexa ao continente pelo isthmo que elle denominou Boothia, em honra do seu amigo Booth, a 70 gráos de latitude.

Esta laboriosa expedição lhe grangeou muita fama e muitas honras. Recebeu condecorações da França, da Russia, da Suecia, da Prussia, da Belgica; medalhas de oiro das sociedades geographicas de Londres, Paris, Vienna, Copenhague; uma espada de honra, e o direito de cidade em muitas da Gram-Bretanha.

Quando começaram os receios de que Franklin se tivesse perdido nos gelos polares, Ross foi dos primeiros que se dispoz a ir procural-o, emprehendendo esta perigosa viagem aos 63 annos de edade, e em navio fretado á sua custa. Voltando sem ter conseguido noticia alguma, offereceu o soldo e pensões que recebia do estado para se fazerem novas investigações. O governo recompensou esta dedicação de Ross, nomeando-o vice-almirante em 1851. Pouco depois foi reformado, e falleceu em 1856, tendo perto de 80 annos.

Das suas viagens ao polo temos todas as relações, sendo a ultima de 1855, com o titulo de: *Sir J. Franklin*.

MARINHA DO TEJO

I

Começâmos hoje a publicar a serie dos barcos de transporte que navegam no Tejo, desde o catraio até á fragata, desenhados do natural, com toda a exacção, pelo sr. Pedroso, e por elle mesmo gravados.

E mui variada, no casco e no apparelho, esta serie de embarcações, a que chamaremos « marinha do Tejo », se é que lhe não deviamos antes chamar marinha pequena, já que não temos marinha grande...

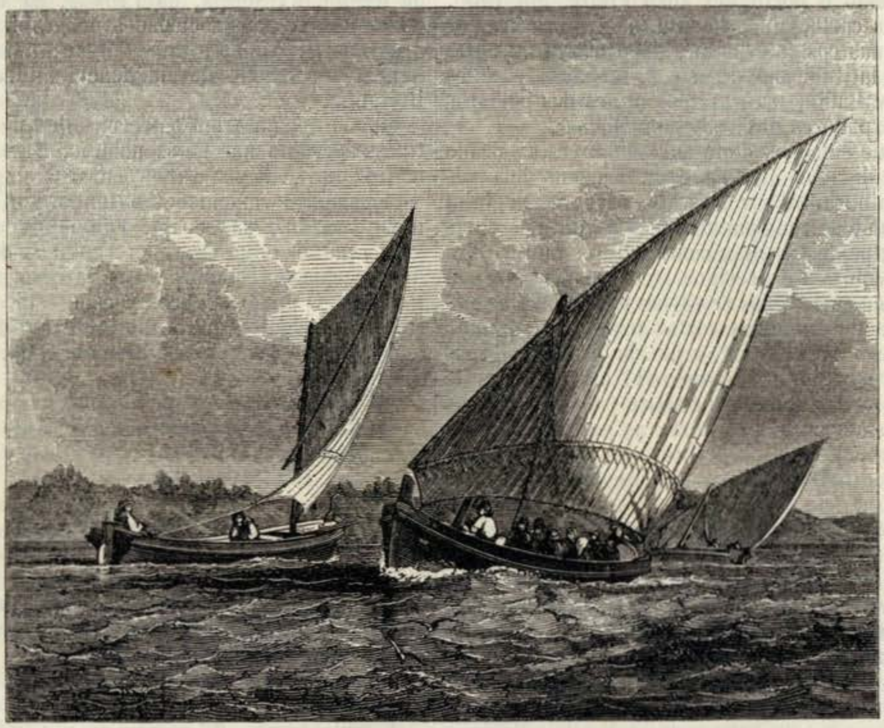
Não affiançâmos, porém, que a nomenclatura de taes embarcações sáia rigorosa, porque, se o lapis do nosso artista conseguiu reproduzir a fórma e velame de todos estes barquinhos do Tejo, outro tanto não podêmos nós conseguir quanto á denominação e origem de alguns d'elles.

Começando pelos catraios, que são os mais pequenos, e d'onde nós chamâmos geralmente catraeiros aos barqueiros, vemos que esta denominação não é muito antiga, porque não vem similhante vocabulo nos nossos bons auctores maritimos, sendo tão copiosa a lingua portugueza em termos nauticos. O alvará do tempo do marquez de Pombal (1765), que abaixo transcreveremos, diz que os *catraios* se tinham introduzido por aquelle tempo, e em tal quantidade, que por serem mui pequenos, e governados por gente ignorante, succediam muitas desgraças e avarias no Tejo, pelo que foram mandados queimar por ordem do marquez de Pombal, determinando-se qual havia de ser a lotação dos botes que, em logar dos catraios, se podiam construir.

Eis o que dizia o alvará:

«Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem, que sendo-me presentes em consulta do senado da camara os graves inconvenientes, que resultam do uso das pequenas embarcações chamadas botes, ou

catraios, que de tempos a esta parte se tem introduzido para os transportes que se fazem no Tejo; tendo causado por uma parte frequentes perigos ás vidas das pessoas que n'ellas se transportam; não só pela pouca segurança das mesmas embarcações, mas tambem pela ignorancia das pessoas que as governam. E pela outra parte destinando-se como mais proprias para as clandestinas conducções, e descaminhos das fazendas de contrabandos. Para cessarem de uma vez os referidos inconvenientes, sou servido prohibir, da publicação d'este em diante, o uso das referidas embarcações pequenas, permittindo sómente o d'aquellas que são necessarias para o serviço dos navios: e mando, que todas as que ficam exceptuadas, em transgressão do disposto n'este alvará, sejam logo aprehendidas, e queimadas por ordem do senado da camara da cidade de Lisboa nas praias a ellas adjacentes: e que os proprietarios das mesmas embarcações incorram, além da pena do perdimento d'ellas, na de seis mil réis applicados para as despezas do mesmo senado, e na de prisão por espaço de vinte dias pela primeira vez; aggravando-se-lhes em dobro, tresdobro, e mais á proporção das relacias, as referidas penas nos casos de reincidencia. Sou servido outro sim determinar, que as embarcações, que se occuparem nos transportes que se fazem de



Catraio e bote cacilheiro

Lisboa para Belem, e mais portos da sua visinhança, sejam construidas na conformidade das fórmas e medidas, que vão declaradas no papel que baixa com este, assignado por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, ministro e secretario de estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos. »

As medidas a que se refere este alvará são as seguintes:

« Devem as mais pequenas embarcações d'estes transportes ter de bocca, ao menos, 7 pés. De comprimento de roda a roda, ao menos 28 pés. A pôpa será larga como de falua. O rodo da fôrma será bem redondo á proporção da bocca para poder aguentar.

« E não poderá trazer qualquer d'estas embarcações mais que uma vela e um muletim. »

Em cumprimento d'este alvará, o senado publicou um edital, para que todos os botes ou catraios, incursos na queima ordenada pelo alvará, se juntassem na praia de Santos, sobre graves penas. Ahi se lhes lançou fogo a todos, o qual durou por muitos dias.

Os botes que de novo se construiram, segundo as medidas indicadas, ficaram-se chamando *catraios*, tem uma só vela, e dois remos. Vêde-o na estampa, que lá vem elle pela proa de um bote *cacilheiro*, do qual para o seguinte artigo se dará noticia.

Com a obsequiosa coadjuvação da capitania do porto, e da repartição do imposto municipal denominado « tragamalho », esperâmos poder esboçar uma historia curiosa de tantas embarcaçõesinhas, quasi todas mui veleiras e airosas.

CHARADA

Proezas faço qual guerreiro ardente,
Auxilio á Providencia dá meu zelo;
Como a luz dos progressos vou na frente,
Como Deus, em prodigios me revelo. } 1

Prendado com taes dons, sonho a victoria,
Cavalgo o meu corcel, que fere a terra,
Marcho á conquista pela mão da gloria,
E os feros esquadrões conduzo á guerra. } 2

Cidades e vergeis, e longas plagas
Abraça o meu poder doce e temido;
Mas, chego ao mar, sossobro-lhe nas vagas,
E apenas o toquei fiquei perdido. } 2

Surjo d'elle, porém; d'entre os horrores,
Mais ousado e soberbo aos ceos aponto,
Desprézo impávido os seus vãos furores
As procellas provoco, e o raio affronto.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.